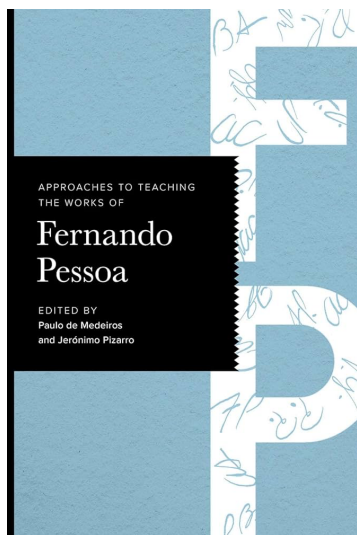


Desenhando o futuro dos estudos pessoanos

[Shaping the Future of Pessoa Studies]

Maria de Lurdes Sampaio*

MEDEIROS, Paulo de; PIZARRO, Jerónimo (2025) (eds.). *Approaches to Teaching the Works of Fernando Pessoa*. New York: Modern Language Association. 235 pp. [ISBN: 9781603296809].



As últimas duas décadas do séc. xx foram pródigas no campo editorial, com inúmeras edições físicas e digitais da obra pessoana, muitas das quais da responsabilidade de Jerónimo Pizarro, um dos organizadores do volume em apreciação. Se alguns leitores se perderam no mundo labiríntico editorial, é inegável que esse trabalho filológico foi determinante para a revelação e a exploração de novas (ou silenciadas) vertentes da obra pessoana: o pensamento político de Fernando Pessoa, a filosofia, a marginalia, as questões genológicas e de *gender*, as relações com outros poetas. As traduções e o ensaísmo nacional e internacional consolidaram, finalmente, o merecido lugar de Pessoa na literatura-mundial, na aceção que Imma-

nuel Wallerstein lhe atribui.

Este quadro de redescoberta do poeta e a inflação editorial de tempos mais recentes tornou mais visível a lacuna nos estudos pessoanos no domínio da pedagogia. Há muito que algumas inquietações pedagógicas surgiam em textos e palestras de Pizarro, mas é com *Approaches to Teaching the Works of Fernando Pessoa* que o conhecido filólogo em conjunto com Paulo de Medeiros, ambos prestigiados investigadores pessoanos, se centram nas complexidades do ensino contemporâneo de Pessoa, porque, como bem afirmam na abertura da Introdução, “[t]eaching Fernando Pessoa requires a complex array of challenges” (2).

“Plural” e pluralidade” são palavras-chave de um paratexto que é também um ensaio e todo um programa, que culmina no repto (a primeira pedra) para a criação da Fundação Pessoa. Como relevam os autores, estudar Pessoa é confrontarmo-nos com uma pluralidade de “eus” e com incertezas ontológicas e epistemológicas, dado Pessoa ser um autor póstumo e a sua “obra” depender dos editores e de modos de ler distintos no tempo e no espaço. A esta condição acresce o problema instigante de uma textualidade em fragmentos, em múltiplos suportes físicos, marcada pela fluidez e instabilidade.

* Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

Dirigido sobretudo a professores / formadores e a estudantes de graduação e pós-graduação, o volume, dividido em duas partes, *Part One: Materials* e *Part Two: Approaches*, reúne doze ensaios de investigadores de diferentes latitudes que ensinam Pessoa, e os seus títulos indiciam de imediato uma reconfiguração dos estudos pessoanos, dada a centralidade adquirida pelo *Livro do Desassossego* face a um relativo descentramento da tríade heteronímica, assim como o relevo adquirido pela materialidade textual e pela atividade editorial numa era em que as edições digitais catalisam novas reflexões sobre autoria e fragmentos, disponibilizando funcionalidades de leitura / escrita em ambientes digitais antes inimagináveis. A parte *Materiais* oferece uma criteriosa seleção e triagem de textos primários e secundários no vasto caudal bibliográfico dos últimos tempos, que se ramifica por todos os continentes, com obras incontornáveis do cânone crítico pessoano, desde a edição crítica de Pizarro do *Livro do Desassossego* à recente biografia de Richard Zenith.

A parte *Approaches* abre com o ensaio “Orpheu, Modernism and Europe”, onde Steffen Dix desenvolve a tese de que o Modernismo português não é periférico, sendo parte integrante do Modernismo Europeu, transnacional e cosmopolita. Dix estuda os Modernismos e o projeto pessoano no amplo quadro da história portuguesa e europeia, relevando o que designa por assincronismo entre o atraso socioeconómico português e o vanguardismo emergente, ao invés do que acontecia noutros países europeus. Relembra o autor que os artistas portugueses estavam a par do que se fazia nas capitais da Europa, como bem provam os traços das vanguardas europeias nas suas obras e os diálogos com interlocutores europeus – interrompidos pelo fenómeno disruptivo da I Guerra Mundial. Como sustenta Dix, se a Europa não veio até Portugal, Portugal foi até à Europa. Pessoa, por sua vez, empenhou-se em evidenciar a singularidade do Sensacionismo no quadro dos ismos europeus.

O ensaio “Gender in Pessoa”, de António Ladeira, traça uma nova via de leitura do polémico tema da sexualidade em Pessoa. O ensaísta recapitula etapas de um caminho tortuoso, desde o retrato do poeta como assexuado à pioneira leitura revisionista de Anna Klobucka, em *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality* (2007). Sem nunca recorrer ao conceito de queer, Ladeira propõe uma abordagem à luz dos tópicos de *antimasculinidade* ou *masculinidade negativa* e de uma mais ampla noção de *gender*, que neutralize o binarismo de género. Através de uma exaustiva análise dos textos dos principais heterónimos e do semi-heterónimo Bernardo Soares, o autor conclui que se apreende em todos eles um deliberado isolamento face a uma comunidade heterossexual e uma vivência livre / liberta, à margem da sociedade heteronormativa: “Pessoa is proposing an alternative to masculinity, perhaps a more fluid, less binary version of it or one less predicated on patriarchal norms” (68).

Face ao exposto, o ensaio de Sofia Sousa (inserido na parte III), “The Political Poetry of Álvaro de Campos: at the Margin of the Margin” conjuga-se com o de Ladeira, e complementa-o, ao versar e aprofundar, na obra de Álvaro de Campos, o mesmo lema da rejeição e da negatividade que surgem como princípios criativos /

positivos. Rejeitando liminarmente a visão arreigada de Campos como o poeta do progresso, Sousa apresenta e fundamenta a imagem oposta de um poeta marginal e independente (apologista da liberdade individual incondicional), a criatura pessoana que de forma mais sonora repudia, num gesto político, a “civilização” moderna e os valores por que se rege a burguesia: o conformismo, a moralidade dominante, o casamento.

Um dos mais instigantes ensaios do volume em apreciação é o de Ellen W. Sapega, centrado na disseminação e na apropriação de Pessoa pela cultura popular, que retirou o poeta do círculo institucional em que especialistas e professores o preservavam. A autora procede a um levantamento da presença pessoana no quotidiano e no imaginário coletivo portugueses e dedica especial atenção ao caso da estátua de Lagoa Henriques, que, em 1988, colocou Pessoa no espaço público. A polémica subsequente é lida não apenas como rejeição de uma estética realista, mas como fruto de uma ansiedade pela falta de controlo discursivo oficial sobre a obra pessoana. O romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* merece à autora reflexões críticas a ter em conta logo no Ensino Secundário. Sapega destaca no romance de Saramago a reescrita (remediação) da Lisboa pessoana, pois, no seu fictício retorno à capital, Reis “is obliged to confront the political realities that he had sought to evade in his life and his work” (74), bem como a miséria da capital portuguesa de inícios do séc. XX.

No centro da parte I, sob o título “The Book of Disquiet”, situam-se dois ensaios distintos, mas complementares nas suas vertentes prática e teórica respetivamente: “*The Book of Disquiet and World Literature: Notes from the Seminar Room*”, de Paulo de Medeiros e “*The problema of genre in the Book of Disquiet*”, de Bernat Padró Nieto. Na linha de críticos-professores como I. A. Richards ou Stanley Fish, Medeiros descreve a experiência de ensinar o *LdoD* a estudantes estrangeiros que desconhecem Fernando Pessoa e a Literatura Portuguesa. Reconhecemos neste texto testemunhal o misto de paixão do autor pela obra pessoana e de lúcida anatomia dos problemas implicados no ensino de uma obra-prima composta por fragmentos. É relevante o ângulo comparatista de Medeiros e o estudo do *LdoD* no quadro da literatura-mundial, de que decorre o descentramento do Modernismo e o questionamento das noções de cânone, de periodização e de contemporâneo. Revelam-se também fecundos e exemplares os diálogos e afinidades que Medeiros estabelece entre Pessoa e outros gigantes da literatura e do ensaísmo europeus, como Benjamin, Kafka e Proust. No final, o autor adianta duas vias de leitura do *LdoD*, que classifica como livro de resistência (nem niilista, nem derrotista, nem materialista): i) análise da disrupção pessoana de categorias estabelecidas; ii) o estudo do contemporâneo no / do *LdoD* à luz da teoria de G. Agamben sobre este tópico.

O denso e indispensável ensaio de Bernart Padró Nieto centra-se em questões epistemológicas e genológicas. O autor defende, na linha de Marjorie Perloff, o caráter sempre operativo da noção de género. Partindo do postulado de que não há obras sem género, Nieto percorre a teoria genológica ocidental, convocando para

este espinhoso debate estudos pessoanos como o de *Adverse Genres*, de David Jackson, para propor (hipó)teses, das quais ressaltamos : i) se o *LdoD* não se acomoda à tríade tradicional do drama, narrativa e lírica, esta tríade “constitute one of the main keys to a generic reading of Disquiet” (95); ii) há uma concomitância entre o “drama of persons” e o “drama of genres”; iii) o *LdoD* supera a oposição subjetivo/objetivo que o Romantismo explorou; iv) o *LdoD* contém pertinentes classificações genológicas autorreferenciais; v) o *Aquivo LdoD* possui as ferramentas necessárias para clarificação das questões de género; vi) as edições futuras do *LdoD* dependem do seu entendimento genológico; vii) por ser “inclassificável”, o *LdoD* (e mesmo um fragmento) pode ser todos os géneros, desde que se explicitem os critérios de classificação. Discutível é a ideia de que a inclusão do *LdoD* na categoria do ensaio, o quarto género, radical e complexo – nem arte, nem ciência, e que criou pontes entre a experiência estética e a cognitiva – significaria retirar a obra do domínio da ficção e da literatura. O entendimento genológico do *LdoD* ganharia também com a convocação da noção infixa de “dominante”, de Moukarovsky, que permitiria a Nieto reforçar a proposta de que o estudo do *LdoD* deve ser colocado sob a égide de um “readerly genre regime”.

O capítulo “Other Works”, inclui três ensaios, abrindo com “*Mensagem: The Ideas behind a Poetic Vision*” de Onésimo T. Almeida, ensaísta que defende a ideia de uma unidade, ou centro, na obra fragmentária de Pessoa. Aqui, o autor revisita a *Mensagem*, a única obra pessoana publicada em vida do poeta e que mais leituras erróneas e controvérsias gerou. Almeida relembra como no decurso dos tempos esta obra foi lida e instrumentalizada em função de agendas políticas e de fatores exógenos, que deram origem à tese de um Pessoa nacionalista. Aos olhos do ensaísta, a revolução de abril não se traduziu em leituras revisionistas e mais positivas da *Mensagem*. Almeida insta os novos leitores a ler a *Mensagem* não de forma literal, mas atentando na sua dimensão anti-cartesiana, simbólica e mítica, devedora da concepção de mito de Sorel. O ensaísta relembra a ideia utópica de Pessoa (que valeria a pena comparar com a utopia poundiana de uma comunidade artística suportada por mecenas): “Pessoa conceived of a society in which an aristocracy of heroes, among whom the poet was the greatest, would play the role of the engine in the evolutionary process of a people” (114).

Segue-se o ensaio “The ‘Great Book’, Caeiro and Pessoa’s Theory of Poetry”, de Maria Irene Ramalho, a especialista pessoana que melhor iluminou as relações transatlânticas de Pessoa. Aqui, a autora retoma a *sua* leitura do *LdoD* como “livro de ruminações” para considerar (ao invés de José Gil) que este incorpora uma teorização sobre a poesia e a construção de um sujeito poético situado algures entre uma poética de ausência e uma poética de excesso, com uma clara dívida para com Caeiro. *The Great Book* (ou livro de ruminações) será o corolário de uma intersecção, na mesma cena de escrita (o escritório), do “casual, meditated book” e de um livro de contas do contabilista Pessoa. Ramalho convoca leituras incontornáveis do *LdoD*

(por exemplo, Lourenço e Medeiros) e o conceito de constelação para privilegiar a vertente autorreflexiva do “livro”, que a seu ver, contém uma teoria do “act of poe-ming itself” e do poeta como *não-pessoa, teoricamente inexistente*. Posição que, segundo a autora, encontra a sua melhor manifestação na poética de Caeiro, “uma poiesis sem poietes” e ao primado dado pelo Mestre ao “puro ver”. Estes seriam os pilares do Caeirismo, *ismo* de vida efêmera, acerca do qual pouco se sabe.

Ao abrir o capítulo *Curriculum* temos o ensaio “Bringing Pessoa into the Philosophy Curriculum”, de Jonardon Ganeri. O autor critica, com razão, o cânone restrito ocidental dos Departamentos de Filosofia e defende uma área alargada dos estudos filosóficos, aberta quer a minorias quer a culturas milenares não-ocidentais, quer a autores cuja escrita nos presenteiam com “a method of first-personal inquiry” (157). Nesse programa de revisão curricular, Pessoa surge-lhe como um escritor incontornável (à semelhança de Kierkegaard), cuja inclusão no ensino da Filosofia iria enriquecer o ramo da filosofia da mente e incrementar um *modo de ler* filosófico, através da discussão do fenómeno do heteronimismo, da subjetividade, do “minimal-self”, e de tropos como a ironia. Estimular-se-ia o cruzamento disciplinar e novas metodologias, se se colocasse em diálogo Pessoa e filósofos contemporâneos heterodoxos.

No ensaio “Reframing Writerly Identity with the Works of Pessoa and other Modernist Poets”, Meghan P. Nolan, professora e poeta, cruza epistemologia, estética da receção e teorias da linguagem para analisar as dificuldades de ensinar Fernando Pessoa a estudantes estrangeiros de poesia com expectativas convencionais em relação ao “sujeito poético”. Trazendo à colação pares modernistas como Yeats, Eliot e Pound, Nolan analisa o impacto nestes leitores de uma obra feita de paradoxos, que não oferece uma voz integrada e unificada e onde o estilhaçamento do eu e a fragmentação encarnam na escrita, formando “written personas”, por vezes, plurilinguísticas. Encarando o heteronimismo como um processo de salvaguarda de um individualismo dinâmico face às restrições linguísticas e sociais enfrentadas pelo(s) poeta(s), Nolan ousa trazer à discussão as noções de “experiência”, de “sentimentos” e mesmo de “autenticidade” que, por vezes, parecem relevar de uma teoria expressiva de poesia, mas que a referência ao ensaio de Judith Butler “Giving an account of oneself” e a exploração de muitas subtis nuances pessoanas esclarecem. No final desta estimulante reflexão (focada em problemas concretos dos estudantes), Nolan volta-se para a noção de “drama em gente” e para eventuais analogias entre alguns processos modernistas e a criação de personas dos jovens no mundo digital. Para a autora, o estudo de Pessoa seria fundamental para uma lúcida aprendizagem e construção consciente por parte dos estudantes das “fragmented performances” que praticam em contextos digitais.

A última secção “Editing” integra dois estudos que dão um contributo decisivo para retirar as questões editoriais do círculo de iniciados. Em “From Meta-Editing to Virtual Editing: The *LdoD Archive* as a Computer Assisted Editorial Space”, Manuel Portela apresenta, de forma cativante e rigorosa, o *Arquivo* digital *LdoD* que

implementou na Universidade de Coimbra e sublinha, desde o início, a importância do *processo de edição em si*, em detrimento do objeto de chegada. O autor procede à apresentação de quatro edições de referência do *LdoD* (1982, 1990, 1998, 2010), argumentando que cada uma delas decorre de fatores que ultrapassam os gostos subjetivos dos editores; antes correspondem a interpretações críticas e genéticas do que consideram ser o *livro*. O recurso de Portela a metáforas clínicas e orgânicas (“suture”, “surgery”) para designar os processos anteriores de construção do corpus *LdoD* marca a distância entre a filologia clássica e a filologia digital e mostra como esta potencia a granularidade e a interface entre edições, dando conta das micro e macro-variações intra e extra-texto. O desígnio pedagógico (que não descarta a fundamentação teórica) está bem presente, na descrição das ferramentas metodológicas e na exemplificação mediante diagramas e captura de écran. Portela demonstra como *O Arquivo LdoD* permite uma desaprendizagem do *LdoD* e de “resgate” do fragmento, pela recusa de um modo integrativo e orgânico de *livro*, pela erosão de *clusters* sedimentados e, muito em particular, pela cooperação do leitor, instado a realizar uma “choreography of readings and interpretations” (190).

A premente questão da edição regressa nessa *masterclass* que é o extenso artigo “Editing Pessoa’s “Radical Scatters”, assinado por Jerónimo Pizarro e John Pedro Schwartz. Exemplar na clareza da exposição, é um texto acessível mesmo para leitores que nunca se adentraram nos terrenos da filologia e postumografia. Retoma-se o paradigma filológico de Jerome McGann’s, em *A Critique of Modern Textual Criticism* (1983), com a revisão da figura do filólogo – encarado como leitor e intérprete – conducente a uma teoria da edição como interpretação. O texto foca-se na miríade de fragmentos soltos, autónomos, ainda inéditos de Pessoa, e no desafio que a sua edição digital constitui. São apontados como modelos os arquivos eletrónicos de Melville, de Borges e, sobretudo, o de Emily Dickinson, lançado em 2010 com o título *Radical Scatters: Emily Dickinson’s Late Fragments and Related Texts (1870-1886)*. Os ensaístas salientam uma nova teoria de textualidade (“textos fluídos”, por exemplo), o princípio de que o processo de digitalização nunca pode ser “regarded as a transparent window onto the text” (199), bem como a produtividade teórico-prática na edição e no estudo de Pessoa de conceitos astronómicos como “constelação”, “padrões estelares”, “cauda de cometa”, entre outros. Um aspeto interessante deste texto reside na proposta do ensino a pós-graduados dos fragmentos e da problemática inerente, após uma devida contextualização histórico-cultural da obra pessoana. Programa ousado, quase revolução disciplinar e metodológica, mas bem em sintonia com os hábitos de ler descontínuos e fragmentados dos leitores mais jovens.

Approaches to the Teaching of Fernando Pessoa não esgota o tema do ensino da obra pessoana e é, doravante, um livro indispensável nesta área, quer pela qualidade e diversidade dos ensaios incluídos, quer pelas questões que suscita e que deixa em aberto, num convite implícito à continuação do debate. Uma questão premente (ausente no volume) diz respeito ao fosso cada vez mais acentuado entre o ensino de

Pessoa no ensino Secundário e no Universitário. No secundário, por exemplo, continua a dar-se foros de autoridade à carta sobre o heteronimismo de Pessoa a Casais-Monteiro, a tríade heteronímica continua a ser sagrada e estudada quase em moldes de há décadas e a questão do fragmento é apenas a florada. Descentrada ou deslocada a questão da Autoria, quer para os editores (retransmissores), quer para os leitores (utilizadores), urge também aprofundar o tópico das “incertezas” e de “textos fluídos” à luz das expectativas dos leitores, das faixas etárias, enciclopédias culturais, etc... O incentivo a práticas de leitura interativas, cooperativas e a apologia “de uma leitura plural, disseminadora, ‘diabólica’, desconstrutiva, instável, etc.”, nas palavras resumptivas de Miguel Real (no prefácio a *Pessoa Existe?* 2012: 11) incorre em riscos para que Terry Eagleton já alertava em 1985, a propósito dos excessos da estética da receção: os milhões de leitura diferentes de *Bleak House*, de Dickens, fariam com que o texto desaparecesse como “uma espécie de X misterioso”. Revelam-se, por isso, sábias, as discretas palavras dos organizadores do volume, quando, referindo a transmedialidade pessoana e os novos modos de ler / ver, falam na necessidade que todos temos: “we always go back to his words” (9).

MARIA DE LURDES SAMPAIO é Professora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML). Tese de mestrado em Estudos Anglo-Americanos sobre Ezra Pound (Universidade de Coimbra) e doutoramento em Literatura (Literatura Comparada), na Universidade do Porto, com a tese *História Crítica do Género Policial em Portugal (1870-1970): Transfusões e Transferências*, 2 vols. Áreas de investigação: Literaturas em Língua Portuguesa (séculos XIX-XXI), Tradução e Cultura, Interculturalidades, Modernismos, Literatura Policial / Criminal, Cânone vs. Não Cânone, Censura.

MARIA DE LURDES SAMPAIO is a Professor at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto and a researcher at the Margarida Losa Institute for Comparative Literature (ILCML). She holds a Master's degree in Anglo-American Studies, with a dissertation on Ezra Pound (University of Coimbra), and a PhD in Literature (Comparative Literature) from the University of Porto, with the thesis *A Critical History of the Detective Genre in Portugal (1870-1970): Transfusions and Transfers*, 2 vols. Her research areas include: Literatures in Portuguese (19th–21st centuries), Translation and Culture, Interculturalities, Modernisms, Detective / Crime Fiction, Canon vs. Non-Canon, and Censorship.